

## **LIXO HOSPITALAR E SEUS IMPACTOS NO MEIO AMBIENTE**

Bruna Alves de Sousa<sup>1</sup>, Dalma Kelly Almeida de Carvalho<sup>1</sup>, Fernanda de Souza Ferreira<sup>1</sup>, Larissa Mirian Rosa<sup>1</sup>, Ana Cláudia Alves de Oliveira Santos<sup>2</sup>.

- <sup>1</sup>. Acadêmicos em Biomedicina pela Faculdade Alfredo Nasser (Instituto de Ciências da Saúde)
- <sup>2</sup>. Professora Orientadora da Faculdade Alfredo Nasser (Instituto de Ciências da Saúde)

E-mail: fernandadesouza.bio@outlook.com

### **RESUMO**

Os resíduos hospitalares consistem em um sério problema para os administradores de hospitais, pois o descarte incorreto destes ocasionam impactos muitas vezes irreversíveis ao meio ambiente. O presente estudo tem como objetivo ressaltar os efeitos deletérios que os resíduos hospitalares podem ocasionar ao meio ambiente, ecossistemas e toda a biosfera. Este estudo foi realizado por meio de um levantamento bibliográfico, desenvolvido na biblioteca da Faculdade Alfredo Nasser. Conclui-se que descarte correto dos resíduos hospitalares é necessário para diminuir os impactos hospitalares e a contaminação com doenças. Cada hospital deve formular um plano de gerenciamento de acordo com as características de cada serviço prestado, contemplando os recursos disponíveis e o pessoal necessário para a sua realização.

**PALAVRA – CHAVE:** Resíduo Hospitalar. Meio Ambiente. Gerenciamento.

### **INTRODUÇÃO**

A atividade hospitalar gera muitos resíduos, e quando não há um descarte correto dos mesmos os impactos que geram no meio ambiente são muitas vezes irreversíveis. A periculosidade de certos resíduos contaminantes pode causar doenças e contaminar o solo e a água. Cada estabelecimento hospitalar tem a responsabilidade de realizar o descarte correto desses materiais de acordo com as leis e normas brasileiras regulamentadas pela **Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)**.

Os resíduos hospitalares se dividem em vários tipos, sendo sempre descartados conforme o seu nível de risco. Nem todos os materiais são incinerados como é de conhecimento popular. Alguns são destinados a aterros sanitários e outros até podem ser reciclados. Todos os resíduos são separados em lixeiras semelhantes às de coleta seletiva. Os resíduos são separados em sacos plásticos e etiquetados como infectantes ou radioativos.

De acordo com a norma 307 da ANVISA, os materiais devem ser separados em:

- **Grupo A (potencialmente infectantes)** - que tenham presença de agentes biológicos que apresentem risco de infecção. Ex.: bolsas de sangue contaminado;
- **Grupo B (químicos)** - que contenham substâncias químicas capazes de causar risco à saúde ou ao meio ambiente, independente de suas características inflamáveis, de corrosividade, reatividade e toxicidade. Por exemplo, medicamentos para tratamento de câncer, reagentes para laboratório e substâncias para revelação de filmes de Raio-X;
- **Grupo C (rejeitos radioativos)** - materiais que contenham radioatividade em carga acima do padrão e que não possam ser reutilizados, como exames de medicina nuclear;
- **Grupo D (resíduos comuns)** - qualquer lixo que não tenha sido contaminado ou possa provocar acidentes, como gesso, luvas, gases, materiais passíveis de reciclagem e papéis;
- **Grupo E (perfurocortantes)** - objetos e instrumentos que possam furar ou cortar, como lâminas, bisturis, agulhas e ampolas de vidro.

O objetivo desse procedimento é evitar danos ao meio ambiente e prevenir acidentes aos profissionais que trabalham na coleta desses materiais.

O Hospital Albert Einstein realizou um estudo e identificou que o grupo que causa maior risco ambiental é o grupo dos lixos infectantes, pela presença de sangue e seus hemoderivados, partes de órgãos, peças de anatomia, resíduos de laboratório de parasitologia e microbiologia e excreções humanas. Uma vez que esses materiais entram em contato com o solo ou com a água eles podem contaminar o lençol freático e a vegetação, espalhando assim a contaminação e prejudicando qualquer ser vivo que possa entrar em contato. Os resíduos perfurocortantes quando desprezados de forma incorreta em aterros sanitários comuns podem trazer grande risco aos catadores de lixo, principalmente se os mesmos estiverem contaminados com patógenos.

## **METODOLOGIA**

Para o presente trabalho realizou-se uma pesquisa bibliográfica. Segundo Almeida (2011), a pesquisa bibliográfica busca relações entre conceitos, características e idéias, muitas vezes unindo dois ou mais temas. Para a busca de trabalhos como fontes de pesquisa, foram empregados os descritores: lixo hospitalar; resíduos hospitalares; e resíduos em saúde; na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como: SCIELO, ECYCLE e LILACS e na biblioteca da Faculdade Alfredo Nasser localizada na cidade de Aparecida de Goiânia – GO

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O resíduo hospitalar é um problema mundial que mesmo com tantas normas e regulamentações ainda é um ponto que precisa ser melhorado. Observando o tipo de lixo que é produzido num hospital podemos entender que existe um grande perigo para a saúde pública uma vez que o descarte incorreto de alguns materiais pode contribuir para que micro-organismos entrem em contato com pessoas saudáveis.

Além da possibilidade de infectar pessoas o lixo hospitalar pode comprometer áreas inteiras e até mesmo lençóis freáticos. Trata-se de uma poluição que ao mesmo tempo que é bastante silenciosa é também muito perigosa.

## **CONCLUSÕES**

De acordo com os fatos expostos, é imprescindível que haja conscientização sobre o descarte correto do lixo hospitalar, visto que o descarte incorreto causa danos irreversíveis ao meio ambiente. A contaminação do solo e do lençol freático prejudica intensamente a população afetada. Destacamos também a importância de cuidar da segurança dos profissionais envolvidos na coleta e descarte desses materiais. Empresas responsáveis por esse tipo de coleta tem por obrigação implementar um treinamento esclarecedor para que não haja riscos ao trabalhador.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

NAIME, R.; RAMALHO, A. H. P.; NAIME, I. S. Avaliação do sistema de gestão dos resíduos sólidos do hospital de clínicas de Porto Alegre. Revista Espaço para a Saúde, Londrina, PR, v. 9, n. 1, p. 1-17, dez. 2008.

PFITSCHER, E. D. et al. A situação dos hospitais quanto ao gerenciamento dos aspectos e impactos ambientais. Cadernos EBAPE.BR, v. 5, n. 3, 2007.

CAFURE, V. A. Os resíduos de serviço de saúde e seus impactos ambientais: uma revisão bibliográfica. Coleção de revistas e artigos científicos ScieLo. MSjul/dez. 2015

CAMARGO, M. E. et al. Resíduos Sólidos de Serviço de Saúde: um estudo sobre o gerenciamento. Scientia Plena, v. 5, n. 7, p. 1-14, 2009.

GARCIA, L. P.; ZANETTI-RAMOS, B. G. Gerenciamento dos resíduos de serviços de saúde: uma questão de biossegurança. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 744-752, maio/jun. 2004.